

COMÉRCIO EXTERIOR DOS AGRONEGÓCIOS PAULISTAS COM SALDOS COMERCIAIS CRESCENTES NO PERÍODO 1999-2003

José Sidnei Gonçalves¹
José Roberto Vicente¹
Sueli Alves Moreira Souza²

1 - INTRODUÇÃO

A inserção competitiva no comércio internacional está relacionada de maneira intrínseca com a capacidade de inovação de produtos e processos que incrementem os padrões de qualidade e de produtividade, conferindo às mercadorias condições de concorrência em preços e em características desejáveis que atendam às exigências crescentes dos compradores. Os agronegócios paulistas detêm a liderança em cadeias de produção importantes como as dos sucos cítricos, do açúcar, dos cafés e das carnes, como resultado de sua estrutura de pesquisa e desenvolvimento organizada já no final do século XIX. No início centrada no café, com o decorrer do século passado passou-se a incorporar novos produtos, num processo de construção de uma pauta diversificada destinadas a distintos mercados. A pesquisa e o desenvolvimento do Governo de São Paulo, além de gerar inovações e informações que ampliam a produtividade e a qualidade dos produtos e processos, também prestam serviços especializados, como análises laboratoriais para certificação de qualidade. As inovações resultam de esforço de pesquisas realizadas com o objetivo de produzir novos métodos e novos produtos de desempenho superior, com resultados obtidos na persistência num prazo mais longo. Mas há, nas atividades dessas instituições de pesquisa científica e tecnológica, ações de transferência de conhecimento que propiciam efeitos imediatos sobre as *performances* produtivas, como são os casos da formação de pessoal especializado e das análises de certificação da qualidade.

¹Engenheiro Agrônomo, Doutor, Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola.

²Economista, Assistente Técnico de Pesquisa Científica e Tecnológica do Instituto de Economia Agrícola.

2 - DESEMPENHO SETORIAL DOS AGRONEGÓCIOS: liderança no movimento exportador da economia paulista

As exportações paulistas cresceram de US\$17,5 bilhões em 1999 para US\$23,0 bilhões em 2003, num incremento expressivo de 31,6% no quinquênio. As vendas dos demais setores avançaram de US\$11,2 bilhões para US\$15,4 bilhões no período, enquanto as cadeias de produção dos agronegócios efetuaram transações externas que, após queda de US\$6,3 bilhões para US\$5,5 bilhões entre 1999 e 2000, apresentaram tendência crescente no quadriênio seguinte, atingindo US\$7,7 bilhões em 2003. Merece destaque a diferença de comportamento entre os dois segmentos da economia paulista, porque os demais setores, após o aumento decorrente da mudança cambial, quando experimentaram uma mudança de patamar, mostram crescimento de 8,1% no quadriênio 2000-2003, enquanto os agronegócios experimentaram aumento de 38,6% no mesmo período. Essa diferença decorre exatamente do dinamismo das cadeias de produção dos agronegócios na incorporação de inovações ao processo produtivo e da capacidade institucional de ofertar resultados consistentes com a demanda setorial, como pode ser verificado com a elevação da participação setorial nas exportações estaduais de 27,9% em 2000 para 33,2% em 2003 (Tabela 1).

As importações da economia paulista apresentaram comportamento decrescente no período 1999-03, após incremento de US\$23,3 bilhões para US\$25,6 bilhões em 2000, apresentaram queda consistente em todo quadriênio seguinte, atingindo US\$20,3 bilhões em 2003, com redução de 20,5% no quadriênio 2000-2003. Esse desempenho está associado às aquisições dos demais setores, que são similares: cresceram de US\$19,6 bilhões para US\$21,8 bilhões, entre 1999 e 2000, e diminuíram nos quatro anos seguintes, alcançando US\$17,1 bilhões em 2003, com queda de 21,5% no período. As compras

TABELA 1 - Evolução das Exportações dos Agronegócios e Demais Setores da Economia, Estado de São Paulo, 1999-2003
(em US\$1.000)

Ano	Agronegócios	%	Demais setores	Total
1999	6.288.061	35,85	11.253.776	17.541.837
2000	5.530.292	27,95	14.257.571	19.787.863
2001	6.196.287	30,04	14.427.571	20.623.858
2002	6.536.950	32,51	13.569.048	20.105.998
2003	7.666.649	33,23	15.407.790	23.074.439

Fonte: Elaborada pelo Instituto de Economia Agrícola (IEA) a partir de dados básicos da SECEX/MDIC.

externas dos agronegócios paulistas foram reduzidas de US\$3,7 bilhões para US\$3,2 bilhões no quinquênio 1999-2003, com diminuição de 15,0%. As importações dos agronegócios paulistas, que são minoritárias e representam pouco mais de 15% das compras totais no exterior, concentram-se em insumos para as agroindústrias de bens de capital da agricultura que atendem à demanda de todo Brasil, ao mesmo tempo em que são indicadores de modernidade setorial (Tabela 2).

TABELA 2 - Evolução das Importações dos Agronegócios e Demais Setores da Economia, Estado de São Paulo, 1999-2003
(em US\$1.000)

Ano	Agronegócios	%	Demais setores	Total
1999	3.723.300	15,97	19.592.657	23.315.957
2000	3.739.710	14,62	21.837.537	25.577.247
2001	3.550.965	14,33	21.224.792	24.775.757
2002	3.005.949	15,13	16.864.868	19.870.817
2003	3.165.128	15,58	17.145.409	20.310.537

Fonte: Elaborada pelo IEA a partir de dados básicos da SECEX/MDIC.

A verificação da evolução dos saldos comerciais revela com maior precisão a relevância dos agronegócios na economia paulista, uma vez que a balança comercial evoluiu de uma realidade de *déficit* de US\$5,8 bilhões em 1999 para *superávit* de US\$2,8 bilhões em 2003. Destacando os demais setores da economia, apesar da redução dos *déficits* anuais, de US\$8,3 bilhões para US\$1,7 bilhão no período 1999-2003, as trocas

externas ainda são desfavoráveis, mesmo na presença de mudança na política cambial e forte retração da demanda interna pela política de juros nos dois últimos anos. O fechamento das contas externas da economia estadual decorre diretamente do desempenho dos agronegócios que acumulam saldos comerciais positivos e crescentes, uma vez que, após redução de US\$2,6 bilhões para US\$1,8 bilhão de 1999 para 2000, as vendas externas superaram as compras no exterior em valores a cada ano maiores, alcançando a expressiva cifra de US\$4,5 bilhões em 2003. Esse crescimento de 151,4% e a entrada adicional líquida de divisas de US\$2,7 bilhões correspondem exatamente ao tamanho do superávit total acumulado pela economia estadual no momento atual (Tabela 3).

TABELA 3 - Evolução do Saldo da Balança Comercial dos Agronegócios e Demais Setores da Economia, Estado de São Paulo, 1999-2003
(em US\$1.000)

Ano	Agronegócios	Demais setores	Total
1999	2.564.761	-8.338.881	-5.774.120
2000	1.790.582	-7.579.966	-5.789.384
2001	2.645.322	-6.797.221	-4.151.899
2002	3.531.001	-3.295.820	235.181
2003	4.501.521	-1.737.619	2.763.902

Fonte: Elaborada pelo IEA a partir de dados básicos da SECEX/MDIC.

A participação paulista no comércio exterior brasileiro revela queda tanto nas importações quanto nas exportações. Nas compras no exterior, a economia paulista que representava 47,3% em 1999, a despeito da redução expressiva, em 2003 atingia o percentual de 42,1% das importações brasileiras. Esse desempenho decorre da estrutura industrial paulista, em especial de bens de capital e de produtos finais, que atendem à demanda de todo o Brasil. Nas exportações, a representatividade paulista também se reduz de 36,5% para 31,2% no período, indicando que os aumentos das vendas externas brasileiras resultam da inserção das diversas economias regionais no esforço de geração de divisas. Os demais setores tiveram percentuais de exportação diminuindo de 42,7% para 37,9% em relação ao total nacional e 48,9% para 43,1% entre

1999 e 2003 (Tabela 4), ambas com redução em torno de 5 pontos percentuais revelando, ao mesmo tempo, a preponderância da estrutura industrial paulista e a menor concentração das exportações industriais brasileiras em curso.

TABELA 4 - Evolução da Participação dos Agronegócios e Demais Setores, nas Importações e nas Exportações Brasileiras, Estado de São Paulo, 1999-2003 (em %)

Ano	Agronegócios		Demais setores	
	Importação	Exportação	Importação	Exportação
1999	40,87	29,02	48,86	42,71
2000	39,48	25,39	47,15	42,81
2001	41,48	24,78	45,15	43,44
2002	39,13	25,08	42,63	39,56
2003	37,20	23,64	43,12	37,88

Ano	Total	
	Importação	Exportação
1999	47,38	36,54
2000	45,85	35,92
2001	44,58	35,42
2002	42,06	33,31
2003	42,09	31,57

Fonte: Elaborada pelo IEA a partir de dados básicos da SECEX/MDIC.

Nos agronegócios, ainda que se mantenha a liderança isolada na comparação entre as Unidades da Federação, as vendas ao exterior a partir de São Paulo caem de 29,0% para 23,6% do total brasileiro, em função da expansão expressiva das cadeias de produção de grãos e fibras do Brasil Central, com queda percentual similar ao da média estadual, pouco mais de 5 pontos. Já nas importações dos agronegócios, a queda em pontos percentuais é menor, superior a 3 diminuindo de 40,9% para 37,2% no período 1999-2003 (Tabela 4), reforçando o argumento da base estrutural da agroindústria de bens de capital da agricultura, em escala de atendimento à demanda nacional, instalada em território paulista. Noutras palavras, numa visão de cadeia de produção, os principais segmentos dos agronegócios brasileiros têm relevante parcela do valor agregado gerado em São Paulo, uma vez que, nas médias setoriais para estruturas produtivas desenvolvidas, pelo menos 20% do valor final é agregado na agroindústria de bens de capital da agricultura.

3 - CADEIAS DE PRODUÇÃO COM LIDERANÇA COMPETITIVA NO MERCADO INTERNACIONAL DOS AGRONEGÓCIOS

O detalhamento das cadeias de produção permite visualizar de maneira mais precisa a explicação para o comportamento do comércio exterior no horizonte de tempo analisado. Nas exportações, o principal destaque é o crescimento expressivo das cadeias de produção de bovídeos, envolvendo principalmente carne bovina, que saltou de US\$763 milhões para US\$1,6 bilhão no quinquênio 1999-2003, assumindo a posição de maior segmento exportador dos agronegócios paulistas, superando, em 2003, a cadeia de produção da cana, até então em primeiro lugar. A política de aumento da produtividade da pecuária e de sanidade animal desenvolvida pelo Governo do Estado de São Paulo baseia-se tanto na defesa agropecuária quanto em pesquisa e em certificação de qualidade com base na ampla estrutura laboratorial pública. No caso das cadeias de produção das sacarídeas, com base notadamente nas vendas de açúcar, há praticamente uma estagnação das exportações em torno de pouco mais US\$1,5 bilhão, sendo que o desempenho desse segmento de produção com vendas externas menores em US\$600 milhões em 2000, explica sozinho a queda das exportações totais dos agronegócios verificada nesse ano (Tabela 5).

Outro ponto a destacar é a diversificação como motor do incremento das exportações paulistas, revelando limitações a incrementos de vendas externas com base na expansão das cadeias de produção consideradas líderes tradicionais das exportações. Esse é o caso da cadeia de produção de frutas, na qual estão incluídas as transações de sucos cítricos, que se mostram estagnadas, apresentando queda de US\$1,3 bilhão para US\$0,9 bilhão no triênio 1999-2001 e reversão dessa diminuição exatamente no mesmo patamar, mas em sentido inverso, de US\$0,9 bilhão para US\$1,3 bilhão quando se toma o triênio 2001-2003. Ainda no segmento dos bilionários, encontram-se os produtos florestais, cujas exportações paulistas tiveram reduzido e inconstante incremento. Aumentos expressivos no quinquênio 1999-2003 tiveram as cadeias de produção de têxteis (US\$197,9 milhões para US\$328,9 milhões), agronegócios especiais (US\$257,1 milhões para US\$458,8 milhões), bens de capital - apesar da inconsistência (US\$441,0 milhões para US\$487,4

milhões), cereais e oleaginosas (US\$391,2 milhões para US\$466,3 milhões) e suínos e aves (US\$20,8 milhões para US\$94,7 milhões). O destaque negativo é para a cadeia de produção do café cujas vendas externas paulistas diminuíram de US\$461,2 milhões para US\$262,6 milhões no período 1999-2003, em função da redução expressiva dos preços internacionais do produto, que em 2003 representavam cerca de um terço do nível de 1999, com impactos drásticos na renda agropecuária interna (Tabela 5).

TABELA 5 - Evolução das Exportações dos Agronegócios do Estado de São Paulo, em Agregados de Cadeias de Produção, 1997-2003 (em US\$1.000)

Cadeias de produção	1999	2000	2001
Têxteis	197.889	220.200	290.357
Bovídeos	763.982	883.849	1.024.861
Pescado	44.020	26.920	8.789
Café e estimulantes	461.214	351.075	244.559
Cana e sacarídeos	1.442.515	849.351	1.589.810
Frutas	1.276.311	1.071.559	925.782
Olerícolas	17.137	15.805	21.907
Flores e ornamentais	9.305	8.363	10.279
Cereais e oleaginosas	391.228	380.794	468.345
Produtos florestais	955.191	969.048	933.171
Suínos e aves	20.799	25.193	35.302
Fumo	10.381	5.354	1.612
Agronegócios especiais	257.104	288.942	300.689
Bens de capital	440.985	433.839	340.824
Total	6.288.061	5.530.292	6.196.287
Cadeias de produção	2002	2003	
Têxteis	258.860	328.886	
Bovídeos	1.228.677	1.613.060	
Pescado	9.334	12.320	
Café e estimulantes	214.101	262.644	
Cana e sacarídeos	1.570.785	1.523.892	
Frutas	1.093.134	1.286.460	
Olerícolas	19.982	16.041	
Flores e ornamentais	11.836	15.366	
Cereais e oleaginosas	482.484	466.261	
Produtos florestais	862.960	1.098.100	
Suínos e aves	50.452	94.705	
Fumo	2.138	2.733	
Agronegócios especiais	390.187	458.801	
Bens de capital	342.020	487.380	
Total	6.536.950	7.666.649	

Fonte: Elaborada pelo IEA a partir de dados básicos da SECEX/MDIC.

Nas importações dos agronegócios paulistas, verifica-se o destaque já mencionado

para as aquisições de bens de capital dos agronegócios, importantes para a manutenção do ritmo de modernização progressiva não apenas da estrutura produtiva paulista como também da brasileira que, no quinquênio 1999-2003, representaram dispêndios médios de pouco mais de US\$1 bilhão, contribuindo para o abastecimento das agroindústrias de fertilizantes, de tratores e de agroquímicos. Outra conta relevante é a de produtos florestais, que significa o segundo maior dispêndio de divisas, a despeito da redução de US\$804,9 milhões para US\$570,3 milhões no período 1999-2003, fundamentalmente na aquisição no exterior de manufaturados de celulose cuja fabricação não foi internalizada. A terceira conta de compras externas consiste na de cereais e oleaginosas, oscilante no período em torno de pouco mais de US\$500 milhões, representada principalmente pelas importações de trigo que consomem metade desse valor e de arroz e outros cereais de inverno, nos quais os agronegócios brasileiros não geraram auto-suficiência no abastecimento interno (Tabela 6).

Do lado das importações, há um conjunto de outras contas menores, que acabam representando valores relevantes no dispêndio de divisas, a maioria delas apresentando quedas nos valores gastos no período 1999-2003, como os têxteis (US\$190,0 milhões para US\$125,2 milhões), com concentração em manufaturados finais; os agronegócios especiais (US\$352,2 milhões para 213,4 milhões) também concentrados em produtos finais para nichos da produção animal e vegetal; as frutas (US\$133,6 milhões para US\$119,1 milhões); as olerícolas (US\$109,2 milhões para US\$105,8 milhões), para atender a variedades específicas cuja demanda interna não tem sido atendida pela produção brasileira; e o pescado (US\$148,3 milhões para US\$113,4 milhões) também face às compras de diversos tipos de produtos como merluza e salmão para o abastecimento interno (Tabela 6). No geral, além das imprescindíveis compras externas para os bens de capital da agricultura como insumos para fertilizantes e agroquímicos, dado o padrão de consumo compatível com os mais exigentes do mundo, estabelecidos para segmentos relevantes da sociedade paulista como a forte e representativa classe média, existe pouco espaço para políticas de substituição de importações, sendo que o caminho para ampliar os *superávits* externos está do lado das exportações, na agregação de valor

e na continuidade da maior diversificação da pauta de vendas externas.

TABELA 6 - Evolução das Importações dos Agonegócios do Estado de São Paulo, em Agregados de Cadeias de Produção, 1997-2003 (em US\$1.000)

Cadeias de produção	1999	2000	2001
Têxteis	190.018	161.152	151.422
Bovídeos	246.466	257.627	160.146
Pescado	148.315	159.977	151.708
Café e estimulantes	24.985	17.213	18.136
Cana e sacarídeas	78.858	64.656	72.834
Frutas	133.614	120.268	149.154
Olerícolas	109.178	98.597	138.754
Flores e ornamentais	2.257	2.079	16.208
Cereais e oleaginosas	511.468	499.969	468.874
Produtos florestais	804.883	890.179	722.038
Suínos e aves	29.422	24.909	19.992
Fumo	2.383	2.810	2.375
Agonegócios especiais	352.237	348.207	234.344
Bens de capital	1.089.216	1.092.067	1.244.980
Total	3.723.300	3.739.710	3.550.965
Cadeias de produção	2002	2003	
Têxteis	116.824	125.177	
Bovídeos	155.954	80.660	
Pescado	128.290	113.437	
Café e estimulantes	24.185	32.901	
Cana e sacarídeas	34.429	27.375	
Frutas	130.695	119.065	
Olerícolas	145.628	105.790	
Flores e ornamentais	16.607	21.094	
Cereais e oleaginosas	433.999	556.349	
Produtos florestais	599.555	570.330	
Suínos e aves	21.492	19.050	
Fumo	2.324	2.986	
Agonegócios especiais	244.270	213.413	
Bens de capital	951.697	1.177.501	
Total	3.005.949	3.165.128	

Fonte: Elaborada pelo IEA a partir de dados básicos da SECEX/MDIC.

Analisando as entradas líquidas de divisas derivadas do comércio exterior dos agonegócios, representadas pelos saldos da balança comercial, nota-se a preponderância das principais cadeias de produção exportadoras, com destaque para a cadeia de produção de bovídeos, prioridade da política estadual no período com decisões estratégicas no campo da sanidade animal e certificação de qualidade, propiciando uma entrada líquida de recursos que cresceu de US\$517,5 milhões para US\$1,5 bilhão, tor-

nando São Paulo o maior exportador brasileiro com 71% dos valores embarcados em 2003, fruto de estratégia séria e consistente de ocupação do mercado externo abalado pelas crises de credibilidade em função de problemas sanitários como a "vaca louca". A promoção do "boi herbívoro" nacional, produzido a pasto, em contraposição ao "boi carnívoro", porque estabulado e alimentado com farinha de carne, produziu efeitos extraordinários e alçou um segmento até então considerado de segundo plano nos agonegócios brasileiros, ao primeiro plano das exportações paulistas. Ainda verificando os maiores saldos comerciais dos agonegócios, tem-se a manutenção da liderança paulista nas cadeias de produção de cana e sacarídeas (US\$1,4 bilhão para US\$1,5 bilhão), fruto das exportações de açúcar, e de frutas (US\$1,1 bilhão para US\$1,2 bilhão) como resultado das vendas de sucos cítricos. Merecem destaque num primeiro plano, também, os agonegócios de produtos florestais, envolvendo celulose, papel e móveis, cujo saldo comercial cresceu de US\$150,3 milhões para US\$527,8 milhões, consistindo numa importante alternativa com a exploração de amplos espaços de terras para cultivos florestais, gerando renda e divisas e com impactos ambientais internos desejáveis, podendo, inclusive, desenvolver mecanismos de integração de pequenas e médias propriedades e de remuneração por seqüestro de carbono (Tabela 7).

Nas contas com resultados comerciais negativos, que de modo algum podem ser tomadas no estrito sentido do termo, uma vez que na verdade representam o ímpeto modernizador dos agonegócios paulistas e brasileiros, a principal delas é exatamente a de bens de capital para os agonegócios, cujos saldos comerciais tiveram *déficits* crescendo de US\$648,2 milhões para US\$904,2 milhões no triênio 1999-2001, com redução abrupta para a faixa dos US\$600 milhões no biênio 2002-2003, exatamente pelo impacto decisivo da política cambial que, dada a instabilidade do câmbio, em especial no segundo semestre de 2002, formou expectativas de restrição ao endividamento em moeda estrangeira. A análise dessa conta que deve ser necessariamente negativa num processo de aprofundamento do desenvolvimento dos agonegócios nacionais, leva em consideração que ela paga insumos e máquinas para a sustentação da modernidade do parque agrícola e agroindustrial.

TABELA 7 - Evolução dos Saldos das Balanças Comerciais dos Agronegócios do Estado de São Paulo, em Agregados de Cadeias de Produção, 1999-2003 (em US\$1.000)

Cadeias de produção	1999	2000	2001
Têxteis	7.871	59.048	138.935
Bovideos	517.516	626.222	864.715
Pescado	-104.295	-133.057	-142.919
Café e estimulantes	436.229	333.862	226.423
Cana e sacarídeas	1.363.657	784.695	1.516.976
Frutas	1.142.697	951.291	776.628
Olerícolas	-92.041	-82.792	-116.847
Flores e ornamentais	7.048	6.284	-5.929
Cereais e oleaginosas	-120.240	-119.175	-529
Produtos florestais	150.308	78.869	211.133
Suínos e aves	-8.623	284	15.310
Fumo	7.998	2.544	-763
Agronegócios especiais	-95.133	-59.265	66.345
Bens de capital	-648.231	-658.228	-904.156
Total	2.564.761	1.790.582	2.645.322
Cadeias de produção	2002	2003	
Têxteis	142.036	203.709	
Bovideos	1.072.723	1.532.400	
Pescado	-118.956	-101.117	
Café e estimulantes	189.916	229.743	
Cana e sacarídeas	1.536.356	1.496.517	
Frutas	962.439	1.167.395	
Olerícolas	-125.646	-89.749	
Flores e ornamentais	-4.771	-5.728	
Cereais e oleaginosas	48.485	-90.088	
Produtos florestais	263.405	527.770	
Suínos e aves	28.960	75.655	
Fumo	-186	-253	
Agronegócios especiais	145.917	245.388	
Bens de capital	-609.677	-690.121	
Total	3.531.001	4.501.521	

Fonte: Elaborada pelo IEA a partir de dados básicos da SECEX/MDIC.

4 - AGREGAÇÃO DE VALOR NO PRODUTO EXPORTADO PELOS AGRONEGÓCIOS PAULISTAS: maior renda e mais emprego

Uma ótica fundamental na análise das exportações dos países em desenvolvimento consiste no nível de agregação de valor dos produtos embarcados, à medida que, para produtos industrializados, quanto maior o padrão de internalização de etapas das cadeias de produção, maior a geração interna de emprego e de renda. Essa é uma premissa relevante em especial para bens de consumo não duráveis como os agronegócios, associados às transformações de maté-

rias-primas com elevada demanda em escala da produção rural. Nas exportações dos agronegócios paulistas, a venda de produtos básicos mostra uma oscilação no período, com queda de US\$2,1 bilhões para US\$1,1 bilhão no triênio 1999-2001 e crescimento para US\$1,6 bilhão no triênio 2001-2003. Nos produtos semimanufaturados há uma redução de US\$2,4 bilhões para US\$1,4 bilhão no quinquênio 1999-2003. Merece destaque o inequívoco crescimento substantivo das vendas externas de produtos manufaturados pelos agronegócios paulistas, que cresceram de US\$1,8 bilhão para US\$4,7 bilhões (Tabela 8), o que representa não apenas o incremento de renda e emprego pelo efeito multiplicador da agregação de valor, como significa o rompimento definitivo com o rótulo de primário exportador com que era caracterizada a agricultura paulista, formatando uma estrutura produtiva agroindustrial exportadora competitiva no contexto internacional.

TABELA 8 - Evolução das Exportações dos Agronegócios do Estado de São Paulo, em Agregação de Valor, 1999-2003 (em US\$1.000)

Perfil de produtos	1999	2000	2001
Básicos	2.112.080	1.421.010	1.133.029
Semimanufaturados	2.402.061	2.255.928	1.150.735
Manufaturados	1.773.920	1.853.354	3.912.523
Total	6.288.061	5.530.292	6.196.287
Perfil de produtos	2002	2003	
Básicos	1.315.425	1.645.089	
Semimanufaturados	1.104.171	1.367.040	
Manufaturados	4.117.354	4.654.520	
Total	6.536.950	7.666.649	

Fonte: Elaborada pelo IEA a partir de dados básicos da SECEX/MDIC.

Do lado das importações, nessa ótica, interessa que prevaleça a lógica quase inversa, com maior compra de produtos básicos, em especial no segmento de bens de consumo não duráveis. Entretanto, nos bens de consumo duráveis representados pelos bens de capital dos agronegócios, essa lógica não se aplica, pois a compra de máquinas e equipamentos é um importante indicador positivo do ritmo de modernização setorial. Nos produtos básicos, as importações cresceram de US\$480,3 milhões para US\$896,4 milhões no período 1999-2003, revelando sintonia adequa-

da com o interesse nacional de agregação interna de valor, mesmo em produtos importados como o trigo, para a agroindústria de farinhas, panificação e massas alimentícias nacionais. Os semimanufaturados são aqueles em que a alteração da política cambial promoveu a maior substituição de importações, uma vez que as aquisições externas reduziram-se de US\$1,4 bilhão em 1999 para US\$274,0 milhões em 2003. Já nos manufaturados, representados principalmente pelos bens de capital dos agronegócios, há dois movimentos distintos, de incremento no triênio 1999-2001, quando sobe de US\$1,9 bilhão para US\$2,4 bilhões e de queda no triênio 2001-2003, para US\$2,0 bilhões (Tabela 9). Essa estrutura mostra a consistência do processo de inserção externa dos agronegócios paulistas, realizada no período recente.

TABELA 9 - Evolução das Importações dos Agronegócios do Estado de São Paulo, em Agregação de Valor, 1999-2003 (em US\$1.000)

Perfil de produtos	1999	2000	2001
Básicos	480.264	554.083	826.181
Semimanufaturados	1.354.382	1.454.649	285.170
Manufaturados	1.888.654	1.730.978	2.439.614
Total	3.723.300	3.739.710	3.550.965
Perfil de produtos	2002	2003	
Básicos	800.387	896.420	
Semimanufaturados	286.405	274.043	
Manufaturados	1.919.157	1.994.665	
Total	3.005.949	3.165.128	

Fonte: Elaborada pelo IEA a partir de dados básicos da SECEX/MDIC.

Finalizando, é relevante verificar o comportamento dos saldos comerciais dos agronegócios paulistas nessa abordagem, os quais refletem de forma direta, de um lado, os efeitos das mudanças da política cambial realizada no penúltimo ano do século passado e, de outro, o sucesso das estratégias internas de agregação de valor. Nos produtos básicos, os saldos diminuíram de US\$1,6 bilhão para US\$306,8 milhões no triênio 1999-2001, mas reverteram a tendência e crescem para US\$748,7 milhões no triênio 2001-2003. Mesmo comportamento apresentam os semimanufaturados, com tendência oscilando da queda de US\$1,0 bilhão de 1999 para a média pouco superior a 820,0 milhões do triênio 2000-

2002, e voltando a crescer para US\$1,1 bilhão em 2003. Destaque-se mais uma vez o excepcional desempenho dos produtos manufaturados, que revelam o sucesso da estratégia de agregação de valor da política paulista para os agronegócios, fazendo com que, de um saldo negativo de US\$114,7 milhões, esse perfil de produtos exportados saltasse para o significativo saldo positivo de US\$2,7 bilhões em 2003 (Tabela 10). Mais uma vez consolida-se o sucesso da transformação estrutural da pauta de exportações dos agronegócios paulistas, fundamentado em produtos com maior agregação de valor.

TABELA 10 - Evolução dos Saldos da Balança Comercial dos Agronegócios do Estado de São Paulo, em Agregação de Valor, 1999-2003 (em US\$1.000)

Perfil de produtos	1999	2000	2001
Básicos	1.631.816	866.927	306.848
Semimanufaturados	1.047.679	801.279	865.565
Manufaturados	-114.734	122.376	1.472.909
Total	2.564.761	1.790.582	2.645.322
Perfil de produtos	2002	2003	
Básicos	515.038	748.669	
Semimanufaturados	817.766	1.092.997	
Manufaturados	2.198.197	2.659.855	
Total	3.531.001	4.501.521	

Fonte: Elaborada pelo IEA a partir de dados básicos da SECEX/MDIC.

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

O comércio exterior dos agronegócios paulistas cresceu de forma consistente no período 1999-2003 como resultado direto da mudança na política cambial executada no início de 1999, quando se abandonou o sistema de câmbio administrado com base numa faixa de variação denominada "banda cambial" para se adotar o ajuste da taxa a mercado, em que a despeito da presença ativa do Banco Central em vários momentos, as intervenções se dão em processos de compra e venda de dólar e não mais por ato administrativo. A moeda nacional sofreu então um processo de desvalorização que implicou ganhos de competitividade dos produtos brasileiros no mercado exterior, em especial nas cadeias de produção dos

agronegócios, onde estava instalada uma substancial capacidade de resposta a preços, impulsionada nos períodos seguintes pela continuidade do processo de modernização setorial. Nos agronegócios paulistas, a análise do comércio exterior mostra o avanço de cadeias de produção tradicionais, como a carne bovina, e um importante processo de agregação de valor com o substantivo

crescimento relativo dos produtos setoriais manufaturados. Em quaisquer dos campos, nesse desempenho, conta a execução de políticas governamentais diferenciadas, como aquelas associadas à certificação de qualidade e à inovação; não apenas de defesa agropecuária, mas também ao ato direto de monitoramento de produtos e processos.